



## Venenos e remédios de uma literatura “entre mundos”

Lisângela Daniele Peruzzo\*

*E se Deus não nos ajuda, como recusar  
auxílio do Diabo?*  
Mia Couto

O novo romance do escritor moçambicano Mia Couto, *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, foi publicado simultaneamente, em junho último, no Brasil, Moçambique e Portugal, mostrando um grande “fôlego editorial” para um escritor africano de língua portuguesa.

Nesse novo trabalho, o escritor consolida alguns pontos primordiais de sua carreira literária enquanto um “tradutor de culturas”, sobretudo no que diz respeito ao entendimento, não só pelo leitor estrangeiro como também pelo moçambicano, da cultura do país como uma cultura mestiça, híbrida.

Um aspecto dessa *moçambicanidade* que cada vez mais se percebe na literatura de Couto é um novo estágio na sua relação com a língua. Tendo sido reconhecido como um inovador no uso da língua portuguesa, assim como o brasileiro Guimarães Rosa, apresenta agora um trabalho com a linguagem muito mais consolidada, ou seja, a língua

não é mais só um “despojo de guerra” que precisa ser reinventada, mas é a língua que já é o português moçambicano, que é viva e é transformada dia-a-dia para atender às necessidades mais rotineiras e cotidianas do povo daquele país. Talvez por esse motivo, os neologismos, tão chamativos em seus livros, aparecem em menor quantidade nesse novo trabalho.<sup>1</sup>

A linguagem do autor, o qual já parecia vir traçando, nesse sentido, um caminho próprio, sobretudo a partir de *O outro pé da sereia* (2006), encontra-se nesse novo romance amadurecida, mesclando ao português culto o coloquial e as línguas locais, muito mais utilizadas no cotidiano do moçambicano comum do que o português formal de molde europeu. Isso tudo se dá, no entanto, sem perder a irreverência lingüística, que tão peculiarmente marcou as obras anteriores e cativou leitores mundo a fora.

A temática também parece consolidar uma linha de trabalho que vinha sendo explorada desde *A varanda do frangipani* (1996) - a áurea de mistério, advinda de uma cultura muito peculiar, que envolve a África. Mia Couto sabe trabalhar esse aspecto de sua terra natal na medida exata sem cair em exotismos generalizadores.

Os temas são abordados através de duplos, como: o homem e a mulher; a vida e a morte; o presente e o passado; o local e o estrangeiro; a verdade e a mentira; o privado e o público; o individual e o coletivo; a oralidade e a escrita; o esperado e o inovador; os remédios e os venenos. Para realizar esse jogo, o autor utiliza-se das vidas de personagens já familiares aos leitores do escritor e que têm, com certeza, força para atrair novos interesses.

Mais uma vez um dos temas relevantes trabalhados por Mia e que aparece neste sétimo romance é o conflito entre a cultura local e a cultura estrangeira, do qual o principal elemento é o Dr. Sidónio Rosa. Ele, um médico português, que desembarca na pequena Vila Cacimba em busca da mulata Deolinda, um amor africano que encontrara em

---

<sup>1</sup> Como é o caso de “definitivar”, “canguruar”, “tresandarilhos”, “desnovelar”, “estatuar”, entre outros.

Lisboa, espera estoicamente por essa mulher ausente e envolta em um clima de mistério. Nesse novo local, ele é um estrangeiro que, à maneira do italiano Massimo Risi, de *O último voo do flamingo* (2000), está, ao mesmo tempo, envolvido em um caso de amor e em muitos mistérios, os quais o forçam a buscar a compreensão dos costumes locais.

O encontro com a família da amada, o casal Sozinho – Bartolomeu e Munda, leva-o a um grande jogo de verdades e mentiras que, como a neblina (cacimba), ora revela ora oculta e emoldura os demais temas da obra.

- Calma, tudo tem seu tempo. Eu preciso viver esse momento. Quem sabe esta é a última vez que estamos falando.
  - Espero bem que sim. Eu só quero sair, esquecer tudo isso.
  - E porquê?
  - Vocês mentiram-me.
  - Você também mentiu.
  - Não é a mesma coisa.
  - Como não? Você mentiu muito e sempre, senhor Doutor Sidónio. Aliás você não mentiu, você é uma mentira.
- (Conversa entre Bartolomeu Sozinho e Doutor Sidónio)

A obra ainda abrange temas que vão de aspectos locais, como as questões da dependência econômica das famílias africanas, da miscigenação entre brancos e negros, a temas amplamente abordados pela literatura universal, como é o caso do incesto. A busca do universal dá-se justamente na incursão pelo universo familiar e Mia corroborou, em recente entrevista<sup>2</sup>, as palavras do escritor israelita Amos Oz, as quais parecem ter estruturado a espinha dorsal do romance: “ Há mais coisas a descobrir numa família do que numa visita a Marte”. A mentira é o que norteia os personagens – é como se para se saberem existentes eles necessitassem recorrer a ilusões “pecaminosas”. Assim, as funções de Deus e do Diabo podem, por vezes, aparecer trocadas nessa narrativa.

---

<sup>2</sup> “A tristeza é o meu território, mas essa tristeza nunca me derrotou” in *Diário de notícias*. Lisboa, 11 de junho de 2008

Nesse trânsito entre Deus e o Diabo, surge outro tipo que já é familiar dos leitores de Couto: o representante político do lugar, do qual, na maioria das vezes, só nos resta rir pela pequenez de espírito e pelo caráter duvidoso. Esse é o caso de Suacelência, o administrador, que sente vergonha de seu suor, por este identificá-lo com o povo. Essa estranha figura arquiteta suas trapaças enquanto, em privado, é servido de whisky por sua mulher, Dona Esposinha, mostrando que aos poderosos está reservado um universo que não é acessível ao homem do povo. Assim, mesmo tratando de um aspecto dito “particular”, percebemos que Mia não deixa de observar questões “coletivas”.

*Venenos de Deus, remédios do Diabo*, como que uma marca do autor, convida-nos ao diverso, ao que nos foge à compreensão imediata, em um jogo de duplicidades que é próprio do ser humano.

**Couto, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008 (180p.).**

---

\* Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo –USP. Pesquisa: A representação da guerra nas obras de Mia Couto e Érico Veríssimo.  
e-mail: liperuzzo@uol.com.br